

Paradisíacos e venenos: o uso de drogas e o controle do corpo¹

Alexandra Lopes da Costa – NEG/UFMS²

Os discursos dominantes sobre drogas, influenciados pelo modelo médico-jurídico-sanitário, têm se mostrado pouco eficientes para compreender a diversidade de experiências do uso de psicoativos pelos seres humanos nas diferentes sociedades, pois costumam reduzir o assunto a um problema médico ou jurídico.

Mesmo com a existência de inúmeros estudos apontando a necessidade de analisar o uso de drogas em seus múltiplos aspectos, as pesquisas brasileiras na área da saúde ainda têm dado pouca ênfase para as relações entre o consumo de substâncias psicoativas e os hábitos culturais da sociedade.

No campo do trabalho sexual, a expansão da epidemia da Aids entre profissionais do sexo durante a década de 80, quando prostitutas e usuários de drogas foram taxados de grupos de risco, motivou estudos enfocando a influência do uso de drogas em associação com práticas sexuais, especialmente no âmbito da prevenção do vírus HIV via relação sexual.

Na contramão da corrente hegemônica, este trabalho aborda o consumo de drogas entre trabalhadoras do sexo propondo uma discussão para além da dependência química, do dispositivo legal ou de preconceitos de ordem social. E já que o assunto é o preconceito, a aproximação do tema da prostituição com o das pessoas que usam drogas revela pontos de intersecção, pois ambos movimentam inúmeros estigmas, discriminação e a desmoralização pela sociedade abrangente.

O conteúdo do presente material é baseado em dados de pesquisa etnográfica realizada no universo da prostituição do Terminal Rodoviário de Campo Grande - MS³. O objetivo do texto é contextualizar o consumo de drogas, lícitas e ilícitas, entre profissionais do sexo no ambiente laboral, trazendo à tona os significados e motivações atribuídos ao consumo pela ótica das próprias trabalhadoras.

Longe dos clichês das cenas de delinquência, degeneração física ou moral, o texto evidencia a diversificação dos estilos de vida, motivos, significados e outras circunstâncias que engendram o consumo de psicoativos entre trabalhadoras do sexo a partir do contexto sociocultural que as envolve numa das mais antigas zonas do comércio sexual em Campo Grande. As reflexões apresentadas oferecem subsídios para a formulação de projetos de prevenção eficazes contribuindo para a redução de danos do uso de drogas no mercado do sexo da região da rodoviária da capital sul-mato-grossense.

Abordagens teórico-metodológicas e procedimentos

A definição monolítica sobre o conceito de drogas é algo que provoca controvérsias. Afinal, o uso de drogas pelo ser humano é um dado antigo que ocorre desde a origem do homem e sofre a influência de inúmeros fatores, como por exemplo, o contexto sócio-

¹ Trabalho apresentado no *III Simpósio Internacional: Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridagens* durante o Simpósio Temático intitulado *Relações de Gênero e Violência contra a Mulher*, realizado em abril de 2009 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em parceria com a Associação Nacional de História (ANPUH) no município de Campo Grande, MS, e disponível nos anais do evento em CD-Room.

² Cientista Social, graduada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista *Latu Senso* em Dependências Químicas pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, integra o quadro de pesquisadores do Grupo de Economia Política (GEP) e do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) da UFMS.

³ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS.

cultural, as propriedades farmacológicas da substância, a forma de ingestão e o significado atribuído ao uso – lúdico, sagrado, médico, etc.

Ou seja, as conceitualizações acerca do que torna uma substância droga não obedecem a uma linearidade no tempo, diferentes sociedades, em espaço e tempos diversos, elaboraram variadas normas, interdições e permissões no tocante ao consumo e à idéia de “drogas”. Até mesmo dentro de uma mesma época ou sociedade esta questão pode variar. O próprio esquematismo da divisão das substâncias em lícitas e ilícitas é um assunto cada vez mais questionado, uma vez que diversos autores apontam que essa classificação não pode ser definida somente por critérios técnicos científicos ou farmacológicos, mas também, deve levar-se em consideração a influência de contextos como o sociocultural⁴.

Para Gilberto Velho a noção que envolve o conceito de drogas é tão problemática que dependendo do ponto de vista e do critério do pesquisador pode abarcar diferentes substâncias. De acordo com o pesquisador a contribuição da antropologia nessa discussão é justamente *mostrar como existem n maneiras de utilizar as substâncias, em função de variáveis culturais e sociológicas. Estas não só se somam, como complexificam as distinções que possam ser registradas ao nível da análise bioquímica* (p.24)⁵.

Diante disso, os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa originando o presente trabalho foram desenvolvidos mediante etnografia com coleta de depoimentos⁶. Buscando maior aproximação com as trabalhadoras do sexo que atuam na região da rodoviária, o trabalho de campo foi realizado num primeiro momento acompanhando as atividades do projeto Afrodite, desenvolvido por uma ONG que há oito anos desenvolve ações junto às trabalhadoras do sexo nesta área da cidade e posteriormente sozinha, por meio de observações participantes no cotidiano do público alvo. Foi essa metodologia que permitiu lançar luz sobre os bastidores e particularidades que envolvem o consumo da droga entre profissionais do sexo no ambiente do terminal rodoviário.

Esquentando o assunto

A prostituição feminina também é um tema que tem sido encarado de diversas formas ao longo da história, sendo muitas vezes considerado um assunto tabu e polêmico. Porém, a generalização excessiva é um ato passivo a equívocos, pois muitas práticas tinham características específicas diferentes das que existem no imaginário de hoje, como por exemplo, o status relacionado às cortesãs da Grécia Antiga (*hetairai*) ou às amantes de Péricles (*Aspásia*) são muito distintos se comparadas com as formas de prostituição modernas⁷.

⁴ Consultar por exemplo MACRAE, E; SIMÕES, J. **O uso de maconha entre camadas médias urbanas**. Salvador, CETAD/UFBA, 2004. Ver também MARTINS, S. M. Norma, desvio e uso de drogas: o contexto da busca da cidadania pela redução de danos. In: **Norma, desvio e uso de drogas: contexto histórico e dilemas contemporâneos**. Rio de Janeiro, ABORDA, 2003, p. 101 – 114.

⁵ VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, A. (org.) **Drogas e cidadania**. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 23 – 29.

⁶ Além disso, conforme o pesquisador Oriol Romani, citado em artigo do antropólogo Edward Macrae, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a etnografia como um dos métodos mais importantes na área dos estudos que envolvem a questão das drogas. Segundo Romani a OMS produziu um informativo no qual avalia os procedimentos que considera mais eficientes para as pesquisas sobre drogas destacando a etnografia e outros métodos de abordagem qualitativa como metodologias capazes de proporcionar maior quantidade e qualidade de informação em relação ao custo/benefício. Ver MACRAE, E. Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. In: **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos**. Artigo disponível no endereço eletrônico: www.neip.info, consultado em 15 mar. 2007.

⁷ Consultar NUSSBAUN, M. C. Pela Razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo. In: **Cadernos Themis Gênero e Direito**, n° 3, Porto Alegre, dez. 2002, p. 13 – 53.

A prática ocupou em diversos períodos históricos uma posição ambígua variando em escalas de aceitabilidade, repressão, tolerância, restrições e proibições. No Ocidente, sofreu forte rechaço da visão moralista das instituições religiosas e influência das políticas higienistas, de abolição ou regulamentação, que no fundo guardavam pouca preocupação com o ser mulher. De acordo com Bacelar *o sistema condena, despreza, mas favorece a sua existência, contanto que dentro de limites controláveis* (p. 56)⁸.

Na contemporaneidade a prostituição vem sendo pautada por valores morais e desigualdades de gênero. Em termos gerais, não há consenso nas teorias de gênero sobre a questão. A discussão gira em torno de dois pólos principais: a prostituição é considerada um fato negativo por reforçar a supremacia e dominação masculina e perpetuar o mito de que as mulheres devem estar disponíveis à vazão dos desejos sexuais masculinos ou, então, é vista como uma forma de autonomia e liberdade sexual que constitui ameaça ao controle patriarcal⁹.

É comum associá-la à idéia de degradação, violência, sofrimento, pobreza, marginalidade e discriminação, num cenário caricato onde as prostitutas são encaradas como vítimas, enganadas ou manipuladas. Além disso, a pesquisadora espanhola Dolores Juliano ressalta que o fenômeno é quase sempre retratado de maneira isolada no que se refere a outras condutas sociais, enfraquecendo a possibilidade de compreender a conjuntura sócio-econômica que o produz¹⁰.

O contexto econômico e social também é um aspecto quase sempre negligenciado ou pouco aprofundado nos estudos tradicionais que primam pela compreensão do fenômeno psicológico dos usuários de drogas. Gilberto Velho acredita que isso acontece porque a doença mental explica tudo e qualquer coisa tornando possível classificar os comportamentos como perturbadores e, permitindo, dessa forma, seu exorcismo e controle. *As soluções são conhecidas – condenações, punições, perda de direitos, internamento em vários tipos de instituição, etc* (p. 61)¹¹. Conforme este autor, o aspecto de doença está imbricado na constituição da categoria de drogado e quase sempre vem acompanhada de outras formas de acusação, como as idéias de vício, criminalidade e marginalidade, que permeiam o espectro preconceituoso de estigmas que pairam sobre o usuário de drogas.

Aliás, cenas de marginalidade, violência, degeneração física, moral e a transgressão de normas sociais são paisagens que persistem no imaginário coletivo quando o assunto remete ao trabalho sexual ou ao consumo de drogas¹². De forma geral, a narrativa histórica revela que o consumo de psicoativos como o álcool, a cocaína ou a morfina, foi tolerado enquanto seu uso fez parte dos costumes das classes dominantes, passando a ser atacado

⁸ Ver BACELAR, J. A. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982, p. 56.

⁹ Ver NUSSBAUN, M. C. Pela Razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo. In: **Cadernos Themis Gênero e Direito**, n° 3, Porto Alegre, dez. 2002, p. 13 – 53.

¹⁰ Ver JULIANO, D. El trabajo sexual en la mira. Polémicas y estereótipos. In: **Cadernos PAGU**, Unicamp, n° 25, jul/dez 2005, p. 79-106.

¹¹ VELHO, G. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: **Individualismo e Cultura: notas para antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2004, p. 55 – 64.

¹² Essa história começa no século XIX, com o nascimento da idéia de sexualidade, do conceito de dependência de drogas e do próprio “drogado”, simultâneo a criação de uma série de outros, como o homossexual, o onanista, a ninfomaníaca, etc. Este período foi marcado pela crescente intervenção e regulação do Estado nos hábitos da população. A disciplinarização dos corpos, a medicalização da população e os modelos epidemiológicos orientavam-se pelas políticas sexuais e raciais, preocupadas com a higiene social e a profilaxia moral. As campanhas de erradicação dos vícios, do alcoolismo, das sexualidades desviantes, inclusive da prostituição, e das doenças contagiosas se propunham a evitar a degeneração da população. Considerados perigosos por seus hábitos e procedências, muitos grupos passaram a sofrer vigilância por parte da sociedade “sã”, sobretudo por contrariar normas ou pela relação com o uso e comercialização dos “venenos do corpo e da alma”. Ver CARNEIRO, Henrique. **A Fabricação do Vício**. Artigo disponível no endereço eletrônico: www.neip.info, consultado em 08 abr. 2007.

pela mídia e setores moralistas quando atingiu prostitutas, negros, mestiços e demais indivíduos dos estratos populares¹³.

Climatização psicoativa e o cenário da rodoviária

A Estação Rodoviária Heitor Eduardo Laburu, foi inaugurada em janeiro de 1976 e está localizada na região central de Campo Grande. A edificação territorial que já foi considerada uma das obras arquitetônicas mais suntuosas do estado, hoje é um prédio arcaico e desgastado pelo tempo, assemelhando-se a um grandioso quadrado de concreto.

Com área de 30.000 m² que abrange o quarteirão entre as ruas Dom Aquino, Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco e Allan Kardec, o complexo rodoviário abriga mais de 200 estabelecimentos comerciais cortados por imensos corredores de concreto, incluindo, entre outros, lojas, restaurantes, bares, cabeleireiros e cinema de exibição de filmes pornográficos, além das plataformas de embarque e desembarque de passageiros para viagens de ônibus intermunicipais e interestaduais. O movimento de transeuntes, viajantes, comerciantes, turistas e vendedores informais é grande, intensificando-se nos finais de semana, vésperas de feriado prolongado e festas de fim de ano.

É nesse ambiente de grande fluxo de transeuntes e veículos, chegadas e partidas, que mulheres trabalhadoras do sexo constroem relações de sociabilidade e vendem o programa sexual rotineiramente.

Desde as primeiras horas da manhã é possível encontrar homens e mulheres circulando por entre mesas e balcões dos bares, bebendo cerveja, fumando e conversando. A aparência de envelhecimento das paredes dos bares é reforçada ainda mais pelo aspecto antigo do prédio, deixando a impressão de pouca iluminação. As luzes que atraem a atenção vêm das jukebox, máquinas de som que executam músicas após a inserção de ficha comprada no balcão. As máquinas coloridas tentam dar ar festivo e sedutor ao ambiente, já que as canções escolhidas, quase sempre, transmitem um tom meloso e sentimental característico das baladas românticas internacionais ou sertanejas. O axé e o pagode também fazem parte da lista de músicas preferidas para agitar o ambiente com ritmo quente. No entanto, a soma de cada som vindo dos bares provoca um ruído singular no corredor. Tudo isso, misturado ao cheiro de fumaça dos ônibus, suor, cerveja e cigarro.

À primeira vista, essa gama de sentidos, o intenso trânsito de pessoas, a heterogeneidade dos atores sociais, o barulho vindo do interior dos bares e da circulação de ônibus nas plataformas de embarque e desembarque faziam dos bastidores da rodoviária um cenário quase incompreensível, mas certamente um instigante desafio para a pesquisa.

A circulação de pessoas nos frios corredores de concreto da rodoviária é diferente do ambiente dos bares. O clima dos bares é descontraído, enquanto nos corredores o comportamento dos atores é formal. Porém, ambos os espaços sofrem vigília de uma série de normas que orientam o convívio social na localidade. Em geral, são impostas por seguranças, proprietários dos bares e policiais e direcionadas especialmente para controlar o comportamento e atividade das trabalhadoras do sexo, em decorrência de um universo regulado por relações econômicas, de gênero e poder¹⁴.

Segundo Freitas, o programa sexual, caracterizado pelo encontro, agenciamento ou fechamento do acordo entre a trabalhadora do sexo e o cliente, é o elemento básico da atividade da prostituta¹⁵.

¹³ Ver RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico: um esboço histórico. In: VENÂNCIO R. P.; CARNEIRO H. (org.) **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo, Alameda; Belo Horizonte, PucMinas, 2005, p. 291-310.

¹⁴ As trabalhadoras do sexo são proibidas por funcionários do condomínio do centro comercial da rodoviária, policiais e seguranças de abordar pessoas ou ficar parada nos corredores. Também não podem falar alto, cantar, fazer barulho ou se envolver em confusão. Nos bares elas são proibidas pelos proprietários de beijar, fazer carícias ou abraçar os clientes, também não é recomendado o uso de roupas curtas e a embriaguês.

¹⁵ Ver FREITAS, R. S. **Bordel Bordéis: negociando identidades**. Petrópolis, RJ, ed. Vozes, 1985.

Nessa região da cidade existem trabalhadoras do sexo que agenciam seus programas sozinhas, atraindo clientes que procuram por mulheres nos bares da rodoviária e arredores. Também há aquelas que trabalham nas casas de massagem das proximidades¹⁶.

Em geral, as mulheres que trabalham nos ambientes do lado de fora do terminal são relativamente jovens se comparadas com as que “fazem ponto” no interior da estação¹⁷. Apesar disso, ambas compartilham de realidades semelhantes: a maioria mora na periferia da cidade e possui pouca ou nenhuma escolarização. Podem chegar a fazer até 15 programas num único dia e os rendimentos mensais desse trabalho giram em torno de R\$500,00 à R\$ 600,00, valor um pouco superior ao salário mínimo.

Na Rodoviária, foi possível constatar que o consumo do álcool e outras drogas se tornam mediadores importantes para a negociação do programa sexual entre a trabalhadora e o cliente.

Nas disputas pelo cliente o uso do álcool e o tabaco fazem parte de complexas relações de aproximação e interação, possibilitando o aumento das chances de criar um clima amistoso entre as partes. Dona Flor, trabalhadora do sexo que atua nos bares da rodoviária há mais de cinco anos explica a situação:

Tem moças que bebem porque sabem que o cliente gosta. Então o homem que chegar ali bebendo vai encostar naquela que está bebendo. É diferente. Vai sentar com uma companhia que vai beber junto com ele. Daí rola um clima e a pessoa sai.

Para muitas trabalhadoras do sexo o consumo de bebidas alcoólicas é algo que aproxima o cliente bebedor, trazendo implícito uma sensação de simpatia e descontração no contato inicial, como reforçam os depoimentos à seguir:

Tem homem que gosta da companhia de uma mulher se ela beber. Agora, se ela não beber, como no meu caso, ele procura uma que beba para conversar e essas coisas. [...] Aqui a mulherada bebe muito. Se deixar a mulher cai, porque eles pagam mesmo. (Engraçadinha)

Não existe hora para beber, porque se o cliente está bebendo às 6 horas da manhã e chamou você para sentar, em geral primeiro se toma uma cerveja para conversar e depois é que se faz o programa e é aonde tudo começa. (Geni).

De maneira semelhante aos motivos evidenciados para a ingestão de bebidas alcoólicas, o consumo do cigarro e das drogas ilícitas também aparece nos depoimentos relacionado à tentativa de agradar o cliente ou criar um clima de bem-estar, descontração e familiaridade entre os atores. A fala de Geni é ilustrativa da necessidade que muitas trabalhadoras do sexo sentem em acompanhar o parceiro no uso de psicoativos:

Na época em que iniciei na vida as drogas mais consumidas eram o álcool e o cigarro, hoje também. As drogas mais freqüentes são a cerveja e o

¹⁶ Nas instalações físicas da estação encontram-se em média 50 mulheres trabalhando em turnos variáveis, em geral, pela manhã ou tarde. Isso porque a grande maioria dos estabelecimentos comerciais da rodoviária funciona até as oito horas da noite, além disso, muitas mulheres conciliam o trabalho sexual com outros empregos, como de doméstica, cozinheira, atendente de lanchonete, etc. Muitas são mães de família e retornam ao lar ao entardecer para cuidar da casa, dos filhos, maridos ou amasiados. Há aproximadamente outras 50 trabalhadoras do sexo vendendo serviço sexual na circunvizinhança, conforme dados coletados por meio de conversas com a equipe do projeto Afrodite e de observações realizadas durante o trabalho de campo, em 2007.

¹⁷ A expressão “fazer ponto” é utilizada pelas trabalhadoras do sexo para indicar o local onde costumam atuar.

cigarro. Mas há também aquelas que usam a pasta base. Primeiro a trabalhadora sexual toma uma cerveja com o cliente, bebe a segunda e a terceira. Depois o cliente fuma a maconha, ela acompanha. O próximo cliente fuma uma pasta base, ela fuma a pasta base.

Outros aspectos relatados na fala das mulheres entrevistadas evidenciam que o uso de drogas também é utilizado para suportar o serviço sexual e reduzir o desconforto nas relações com sujeitos desconhecidos, além de auxiliar a amortecer as dificuldades de uma rotina turbulenta, reduzir a ansiedade e enfrentar a realidade. “O álcool e as drogas são necessários para suportar o trabalho e deixar o cliente à vontade, para ele voltar outras vezes você acaba usando qualquer tipo de droga”, esclarece Geni. O discurso de Heloísa Helena reitera essa opinião, “às vezes, elas bebem socialmente para enfrentar o cara que está do lado. Então elas bebem socialmente para encarar a realidade porque fora disso fica dificultoso”.

O uso de drogas para amenizar a pressão psicológica do trabalho sexual é um aspecto já observado por outros pesquisadores. Berer & Ray relatam que nas Filipinas é comum o uso de drogas entre profissionais do sexo para suportar a vergonha do trabalho, superar momentaneamente a timidez na abordagem aos clientes, dançar nua nos palcos ou fazer truques com a vagina, semelhante à situação vivenciada pelas trabalhadoras do sexo na rodoviária de Campo Grande¹⁸.

Acrescentando à idéia do uso de substâncias psicoativas (SPA's) como algo que favorece a descontração e aproximação entre os atores, também foi retratado nos depoimentos que o consumo de SPA's pode gerar um sentimento de segurança e coragem na trabalhadora durante o programa sexual com o cliente. Isso é um indício que acompanhar as beberagens, o fumo do tabaco ou de outras drogas pode favorecer ao estreitamento de vínculos de confiança, uma espécie de sensação de reciprocidade e reconhecimento entre os atores, conforme explicita o pensamento de Geni:

Então mesmo que você não fume, para deixar um cliente à vontade você pede um cigarro para ele. Fuma um, fuma dois, fuma três [...] No caso, há a necessidade de beber para acompanhar o cliente, para agradar o cliente, deixar o desconhecido mais próximo, pelo risco que a gente corre, para deixar o cliente mais à vontade e para você se sentir mais corajosa para fazer programa, então você começa a beber.

Ou seja, é como se o compartilhamento do consumo do álcool e outras drogas possibilitassem uma relação de entrosamento e familiaridade capaz de construir um dispositivo de proteção, real ou simbólico, para o cliente não maltratar a prestadora de serviço sexual no término do programa, como destaca o depoimento de Geni: “E a droga a mesma coisa. Por mais que você não use, para se sentir no meio dele, para ele confiar em você, para ele não te fazer mal na saída do motel, você acaba usando e aí é onde tudo acontece e muitas vezes a pessoa decai tanto”.

Apesar do consumo de SPA's constituir um fato expressivo na fala das entrevistadas, foi unânime a opinião encontrada sobre a não obrigatoriedade na utilização do álcool e outras drogas pelas trabalhadoras do sexo nos bares da rodoviária, ao contrário do que ocorre em outras localidades. “A gente não tem que beber, mesmo que o cliente ofereça. A gente pode optar por refrigerante ou suco”, pontua Xuxa. Tieta complementa a afirmação:

Não é obrigado a beber para fazer programa [...] O cliente não obriga nada. Droga pior ainda. Nos puteiros você é obrigado a beber. Tem casa que

¹⁸ BERER, M; RAY, S. Relações sexuais mais seguras. In: **Mulheres e HIV/ Aids**. São Paulo, Brasiliense, 1997, p. 237 - 270.

você é obrigada a beber e ganha até comissão. Na rodoviária não. Os donos de bares nos tratam bem.

Embora o cliente não obrigue a trabalhadora ao consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas, os depoimentos retratam que eles não deixam de ofertar. Desta maneira, os dados apresentados sugerem que a relação é baseada num domínio subjetivo, quase coercitivo, em que o álcool serve como um instrumento de mediação, socialização e interação entre os atores. Nesta interação, comportamentos, gestos e símbolos são conscientes ou inconscientemente acionados, em busca de uma relação de empatia.

Essas relações são responsáveis por aumentar as vendas de bebidas alcoólicas no ambiente dos bares da rodoviária, além das porções, sanduíches, refrigerantes, sucos, cigarros, fichas das máquinas de juke boxes e das mesas de bilhar¹⁹. Sobre isso Geni elucida um outro aspecto relacionado ao mercado sexual na estação, a aparente ausência de preconceito dos proprietários dos bares em relação às mulheres que comercializam programas de natureza sexual: *“Nos bares da rodoviária elas [trabalhadoras do sexo] são bem vindas porque dão lucro, ao mesmo tempo bebem para conquistar o cliente”*. Em decorrência disso os estigmas e preconceitos erigidos em torno da profissional do sexo, são temporariamente suspensos. A opinião de Xuxa endossa essa visão: *“Como as trabalhadoras dão lucro aos bares não sofrem preconceito dos donos. A cerveja dá dinheiro para os donos dos bares, mas não é futuro para a trabalhadora”*.

Freitas ressalta que o peso das conotações morais associadas à prostituição na sociedade tendem a contaminar qualquer relação de mercado em que as profissionais do sexo venham a se envolver²⁰. De maneira abrangente, a tensão nos relacionamentos entre prostitutas, fregueses ou proprietários de estabelecimentos comerciais no terminal seguem as relações desiguais de poder e gênero fortemente demarcadas por características econômicas. Não raro, a quebra de condutas consideradas adequadas à prostituta no espaço interno dos bares da rodoviária, isto é, de qualquer comportamento que torne o ambiente desagradável ao consumo, implica no retorno ao desprezo e desvalorização da mulher de vida pública, inclusive com a expulsão do local.

Os depoimentos das trabalhadoras do sexo na rodoviária evidenciam um senso comum em relação aos psicoativos: o álcool e o tabaco não são considerados drogas²¹. “O

¹⁹ Dessa forma, é preciso pensar no comércio que envolve o trabalho sexual no terminal. A pesquisadora Laura Maria Agustín adverte que um dos grandes equívocos apontados por inúmeras pesquisas é considerar a indústria do sexo apenas do ponto de vista das trabalhadoras sexuais, desconsiderando a existência e natureza de um mercado sexual. Este mercado inclui uma vasta rede de serviços que podem estar direta ou indiretamente ligados ao trabalho sexual, como agências de turismo, bares, o trabalho nas ruas, em bordéis, cabarés, linhas telefônicas eróticas, chats da internet, entre outros. AGUSTÍN, L. M. La Industria del Sexo, los Migrantes y la Familia Europea. In: **Cadernos PAGU**, Unicamp, nº 25, jul/dez 2005, p. 107-128.

²⁰ Ver FREITAS, R. S. **Bordel Bordéis: negociando identidades**. Petrópolis, RJ, ed. Vozes, 1985.

²¹ Sobre esse assunto o antropólogo Edward Macrae ressalta que o alarde em relação ao usuário de drogas ilegais, em geral propenso a estigmatização, cumpre finalidade específica ao encobrir os problemas advindos do consumo das drogas lícitas, como o álcool e o cigarro. Estas substâncias nem sempre são reconhecidas como drogas pelo senso comum, mas são muito lucrativas e responsáveis pela maior parte dos problemas relacionados ao uso de psicoativos. Ver MACRAE, E. Aspectos Socioculturais do Uso de Drogas e Políticas de Redução de Danos. In: **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos**. Texto consultado na internet e disponível no site: www.neip.info, em 12 fev. 2007. Outro aspecto que também é comum quando se fala na relação entre o consumo das drogas lícitas e ilícitas refere-se ao fato de ainda hoje persistir na opinião pública a idéia de que a maconha é a porta de entrada para outras drogas. Na obra *O uso de maconha entre camadas médias urbanas*, os pesquisadores Edward Macrae e Julio Simões apontam que embora a maconha seja muitas vezes a primeira droga ilegal consumida por determinados grupos sociais, muitos usuários da cannabis não partem para o uso de outras substâncias ilícitas, ao passo que a relação com o alcoolismo tem sido considerada a forma de associação mais comum nessa equação. Consultar MACRAE, E; SIMÕES, J. **O uso de maconha entre camadas médias urbanas**. Salvador, CETAD/UFBA, 2004.

uso do álcool é separadamente. Quem usa a droga não bebe, é bem difícil porque elas não misturam a droga com o alcoolismo. É diferente”, distinguiu Heloisa Helena. Ao passo que a maconha foi considerada uma droga leve, enquanto a pasta base e o crack foram compreendidos como drogas químicas pesadas, como exemplifica o depoimento de Engraçadinha, *“Maconha não é uma droga, mas as pessoas têm preconceito. Serve até para remédio e para cura. É uma droga que mata aos poucos, mas não é uma droga pesada assim. A pasta base e a cocaína são as mais perigosas”.*

As trabalhadoras do sexo entrevistadas acreditam que a pasta base e o crack são drogas que oferecem grandes riscos à integridade física e psicológica da mulher, entretanto as mulheres transparecem que essas drogas são muito consumidas na região, com características de uso que apontam para o individual em detrimento do grupal. A fala de Engraçadinha elucida esse aspecto:

Com a pasta base a pessoa não come, a pessoa não dorme, a pessoa passa a noite acordada. Usa sozinho. A química é independente, quanto mais sozinho melhor. Fica aquela ganância. Vou fumar sozinho, vou usar sozinho. A pessoa que usa química não quer saber de dividir.

O fator agravante desta situação que salta aos olhos nos depoimentos é a tendência maior para o sexo desprotegido quando a trabalhadora se encontra sobre o efeito do crack e pasta base, como se pode observar no discurso de Geni:

O usuário da pasta base faz qualquer coisa com uma pessoa sóbria para conseguir dinheiro, qualquer merreca. Além disso, é aonde não tem prevenção nenhuma, até porque a maioria dos homens não quer usar preservativo e é aí que pegam as DST's. Porque tudo se faz sem camisinha para quem é usuário da pasta base, porque não tem noção e é aí que os homens aproveitam. Eles acham que não vão pegar nada, mas aí é que está o erro, o pior de tudo é que eles acham que estão lucrando em cima da garota porque não estão usando a camisinha e a outra pessoa não está ciente do que esta fazendo. Elas fazem por qualquer coisa, qualquer merreca.

Em decorrência das assimetrias de gênero sabe-se que as mulheres apresentam maiores dificuldades em negociar o uso da camisinha com os homens. No que se refere às profissionais do sexo que atuam na região da rodoviária constata-se uma situação semelhante à vivenciada por outros segmentos de mulheres, visto que muitos compradores de serviços sexuais tentam acordar ou estabelecer relação sexual sem o uso do preservativo, de forma consentida ou negada pela trabalhadora.

O perfil desses homens aponta renda baixa e pouca escolarização. Alguns são aposentados, outros desempenham atividades autônomas como pedreiro, eletricista, marceneiro ou vendedor informal, como também, trabalhadores rurais e egressos do sistema penitenciário. Todavia, pouco se conhece a respeito destes consumidores de programa sexual.

Não é possível afirmar sobre o uso freqüente do preservativo pelas trabalhadoras do sexo, mesmo entre aquelas que não fazem uso de drogas ou que não estão sobre o efeito de psicoativos. A explanação de Dona Flor elucida esse ponto, realçando o sentimento de desesperança que acomete várias trabalhadoras do sexo que fazem ponto na região:

Muitas das meninas que usam drogas usam preservativo. Tem umas que não usam camisinha e usam pasta base para poder encarar. Elas dizem que já estão no buraco então vão levando. É raríssimo sabermos quem é quem. Muitas vezes ela sai com a camisinha na mão e chega lá não sabe se colocou ou não. Fica difícil.

De acordo com Mays & Cochran, para muitas profissionais do sexo a possibilidade de infecção do vírus HIV representa apenas um risco a mais, diante da convivência freqüente com algum tipo de perigo²². O longo histórico do enfrentamento de situações de risco, nem sempre vivenciados pela classe média, transformam a Aids numa concepção de perigo relativo dentro do conjunto geral de outros perigos presentes na vida de muitas dessas mulheres.

Em resumo, foram vários os motivos narrados no bojo dos depoimentos coletados para o uso de drogas, lícitas ou ilícitas. Destaque-se, entre outros, a expectativa de satisfazer e agradar o cliente, facilitar a venda do programa sexual, para se distrair, criar uma sensação de intimidade, de segurança, confiança ou até para encorajar a manter relações sexuais com pessoas desconhecidas.

Apesar da diversidade de motivos apresentados pelas trabalhadoras do sexo para o consumo de psicoativos, de uma forma ou de outra, a idéia central explicitada nos depoimentos é a de que o consumo dessas substâncias facilita uma espécie de ritual de entrosamento que serve ao fechamento do acordo comercial: o conteúdo, tempo e preço do serviço ofertado.

Considerações finais

A rodoviária é uma zona de prostituição pobre que oferece uma alternativa de renda para muitas mulheres, diante das limitadas oportunidades da economia formal. Na cotidianidade do trabalho da profissional do sexo nessa área da cidade há grande disponibilidade para o consumo de drogas, lícitas ou ilícitas.

Na época da realização da pesquisa ficou evidente por meio do trabalho de campo, juntamente com a coleta de depoimentos, o consumo freqüente do álcool e o cigarro, seguidos pela pasta base, o crack e a maconha pelas trabalhadoras do sexo. Uma vez que a venda de programas na região ocorre geralmente no interior dos bares ou nas ruas, o próprio ambiente favorece o consumo. Além disso, no caso do trabalho sexual há padrões historicamente construídos de uma cultura que permite o uso de drogas em local e horário de serviço, o que permite aos proprietários dos bares da rodoviária, por exemplo, faturarem com o trabalho alheio.

Resumindo os resultados, o uso de drogas na estação rodoviária Heitor Eduardo Laburu e seu entorno é um elemento de sociabilidade importante. Mesmo existindo uma diversidade de questões que motivam o uso de substâncias psicoativas pela ótica das próprias mulheres entrevistadas, o consumo adquire sentidos direta ou indiretamente relacionados à esfera do serviço sexual: descontrair, relaxar, aliviar a tensão, encorajar a manter relação sexual, facilitar a negociação do programa, seduzir, sentir-se protegida, agradar o freguês, ou para agüentar uma vida turbulenta, entre outros.

Neste contexto é possível perceber que o consumo do álcool e outras drogas torna-se um fio condutor que liga a comercialização do programa sexual entre a trabalhadora e o cliente, lubrificando e facilitando essa relação. Ao mesmo tempo, oferece vantagens lucrativas para os donos dos bares, que aumentam seus rendimentos com a movimentação de pessoas e a venda de vultosa soma de produtos, como bebidas alcoólicas, refrigerantes, cigarros, lanches, fichas das máquinas de Juke Box, motivo pelo qual os preconceitos em relação à trabalhadora sexual são temporariamente enfraquecidos.

A problemática maior do consumo revela-se quando a trabalhadora entra em contato com a pasta base e o crack, enfraquecendo os cuidados com a saúde e a prevenção. Porém, o uso facultativo de preservativos é um dado que também apareceu relacionado aos desequilíbrios de poder entre profissionais do sexo e clientes.

²² MAYS, V. M.; COCHRAN, S, D. Sobre a percepção da mulher quanto aos riscos da Aids e a redução das atividades de risco. In: BERER, M; RAY, S. (org.) **Mulheres e HIV/ Aids**. São Paulo, Brasiliense, 1997, p 284 – 287.

O estudo aponta que a frequência do uso destas substâncias não decorre simplesmente por influência da dependência química ou em decorrência de características patológicas individuais, mas por um tipo particular de interação e relação estabelecido no ambiente do comércio do sexo feminino na zona prostitucional da rodoviária.

Na medida em que esse trabalho se aproxima da realidade vivenciada pelo grupo estudado, oferece uma visão mais apurada e menos preconceituosa para o contexto do uso de drogas em associação com a venda do sexo por mulheres no ambiente do terminal, práticas altamente estigmatizadas pela sociedade abrangente. Ao evidenciar os motivos e pontos de vista das trabalhadoras sexuais quanto à utilização de substâncias psicoativas a partir do contexto sociocultural que as envolve, o estudo traz à tona informações que podem contribuir para a formulação de projetos de prevenção e intervenção que possam promover melhorias na qualidade de vida e condições de trabalho, minimizando os riscos advindos do uso abusivo da droga no comércio sexual da rodoviária de Campo Grande.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN, L. M. La Industria del Sexo, los Migrantes y la Familia Europea. In: **Cadernos PAGU**, Unicamp, nº 25, jul/dez 2005, p. 107-128.

BACELAR, J. A. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BERER, M; RAY, S. Relações sexuais mais seguras. In: **Mulheres e HIV/ Aids**. São Paulo, Brasiliense, 1997, p. 237 - 270.

CARNEIRO, Henrique. **A Fabricação do Vício**. Artigo disponível no endereço eletrônico: www.neip.info, consultado em 08 abr. 2007.

FREITAS, R. S. **Bordel Bordéis: negociando identidades**. Petrópolis, RJ, ed. Vozes, 1985.

JULIANO, D. El trabajo sexual en la mira. Polémicas y estereótipos. In: **Cadernos PAGU**, Unicamp, nº 25, jul/dez 2005, p. 79-106.

MACRAE, E. Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. In: **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos**. Artigo disponível no endereço eletrônico: www.neip.info, consultado em 15 mar. 2007

_____. Aspectos socioculturais do uso de drogas e políticas de redução de danos. In: **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos**. Artigo disponível no endereço eletrônico: www.neip.info, consultado em 12 fev. 2007

MACRAE, E; SIMÕES, J. **O uso de maconha entre camadas médias urbanas**. Salvador, CETAD/UFBA, 2004.

MARTINS, S. M. Norma, desvio e uso de drogas: o contexto da busca da cidadania pela redução de danos. In: **Norma, desvio e uso de drogas: contexto histórico e dilemas contemporâneos**. Rio de Janeiro, ABORDA, 2003, p. 101 – 114.

MAYS, V. M.; COCHRAN, S, D. Sobre a percepção da mulher quanto aos riscos da Aids e a redução das atividades de risco. In: BERER, M; RAY, S. (org.) **Mulheres e HIV/ Aids**. São Paulo, Brasiliense, 1997, p 284 – 287.

NUSSBAUN, M. C. Pela Razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo. In: **Cadernos Themis Gênero e Direito**, nº 3, Porto Alegre, dez. 2002, p. 13 – 53.

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico: um esboço histórico. In: VENÂNCIO R. P.; CARNEIRO H. (org.) **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo, Alameda; Belo Horizonte, PucMinas, 2005, p. 291-310.

VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, A. (org.) **Drogas e cidadania**. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 23 – 29.

VELHO, G. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: **Individualismo e Cultura: notas para antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2004, p. 55 – 64.